



RÁTICAS FORMATIVAS EM
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
EM DIÁLOGOS COM A
INSUBORDINAÇÃO
CRIATIVA

Insubordinação Criativa

Cordenação:

Celi Espasandin Lopes

Regina Célia Grandó

Comissão Editorial:

Adair Mendes Nacarato – Universidade São Francisco

Andréia Maria Pereira de Oliveira – Universidade Federal da Bahia

Antonio Vicente Garnica Marafioti – Universidade Estadual Paulista/Bauru/Rio Claro

Gelsa Knijnik – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Iran Abreu Mendes – Universidade Federal do Pará

Marcelo Almeida Bairral – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Marcos Antonio Gonçalves Júnior – Universidade Federal de Goiás

Maria Isabel Ramalho Ortigão – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria da Conceição F. Reis Fonseca – Universidade Federal de Minas Gerais

Mauricio Rosa – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Milton Rosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Roger Miarka – Universidade Estadual Paulista/Rio Claro

Vinício Macedo Santos – Universidade de São Paulo

Celi Espasandin Lopes

Regina Célia Grando

(Organizadoras)

PRÁTICAS FORMATIVAS EM
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
EM DIÁLOGOS COM A
INSUBORDINAÇÃO
CRIATIVA

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Práticas formativas em educação matemática em diálogos com a insubordinação criativa / organização Celi Espasandin Lopes, Regina Célia Grando. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-659-9

1. Matemática – Estudo e ensino
2. Prática pedagógica
3. Professores – Relatos I. Lopes, Celi Espasandin. II. Grando, Regina Célia.

22-133613

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Relatos de experiências pedagógicas : Educação 370

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Leda Maria de Souza Freitas Farah
Vera Bonilha

revisão editorial: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores

bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2022

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória
Este volume é dedicado à memória do
Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio

A morte não é nada

*A morte não é nada.
Eu somente passei
para o outro lado do Caminho.*

*Eu sou eu, vocês são vocês.
O que eu era para vocês,
eu continuarei sendo.*

*Me deem o nome
que vocês sempre me deram,
façam comigo
como vocês sempre fizeram.*

*Vocês continuam vivendo
no mundo das criaturas,
eu estou vivendo
no mundo do Criador.*

*Não utilizem um tom solene
ou triste, continuem a rir
daquilo que nos fazia rir juntos.*

*Rezem, sorriam, pensem em mim.
Rezem por mim.*

*Que meu nome seja pronunciado
como sempre foi,
sem ênfase de nenhum tipo.
Sem nenhum traço de sombra
ou tristeza.*

*A vida significa tudo
o que ela sempre significou,
o fio não foi cortado.
Porque eu estaria fora
de seus pensamentos,
agora que estou apenas fora
de suas vistas?*

*Eu não estou longe,
apenas estou
do outro lado do Caminho...*

*Você que aí ficou, siga em frente,
a vida continua, linda e bela
como sempre foi.*

Santo Agostinho



umário

CONTANDO AS HISTÓRIAS DE PRÁTICAS
INSUBORDINADAS CRIATIVAMENTE EM
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA..... 11

*Regina Célia Grando e
Celi Espasandin Lopes*

“MEDO E DESEJO”: ATITUDE, REPERTÓRIO
E INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NA
APROPRIAÇÃO DE PRÁTICAS DE
NUMERAMENTO POR SUJEITOS –
DISCENTES E DOCENTES – DA EJA..... 25

Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca

UM INSUBORDINADO
ENCONTRO ENTRE NARRATIVAS
DE EDUCADORAS COORDENADORAS
DO LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA DO IME/UFG..... 55

*Marisa Gomes dos Santos e
Marcos Antonio Gonçalves Júnior*

INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA E
EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL 87

Juliana Schreiber Moraes e Gelsa Knijnik

O QUE HÁ DO OUTRO LADO DO MURO? CRIANÇAS E PROFESSORAS NA RUA FAZENDO ESTATÍSTICA	107
<i>Roberta Schnorr Buehring e Rosângela Alves de Assunção</i>	
CONCEITOS DE DESVIO POSITIVO EM ETNOMODELAGEM: INSUBORDINANDO RESPONSAVELMENTE A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....	133
<i>Milton Rosa e Daniel Clark Orey</i>	
AÇÕES DE UM GRUPO DE MODELAGEM NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: INSUBORDINAÇÕES CRIATIVAS?	173
<i>Jussara de Loiola Araújo, Fernando Henrique de Lima, Thais Fernanda Pinto, Renata Rodrigues de Matos Oliveira e Gabriel Mancera-Ortiz</i>	
A ESCRITA DE NARRATIVAS COMO AÇÃO CRIATIVA E INSUBORDINADA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA.....	209
<i>Maria das Graças dos Santos Abreu e Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid</i>	
PROBABILIDADE, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS	229
<i>Jaqueline Lixandrão Santos</i>	
ENTRELACES DE EDUCADORES MATEMÁTICOS COM A INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA	249
<i>Celi Espasandin Lopes e Regina Célia Grandó</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	259



Contando as histórias de práticas insubordinadas criativamente em Educação Matemática

*Regina Célia Grandó
Celi Espasandin Lopes*

Nas trajetórias de vida de professoras e professores, formadoras e formadores, atitudes e práticas insubordinadas criativamente acontecem histórica e silenciosamente no cotidiano das salas de aula, nos diferentes níveis de ensino e espaços formativos. Às vezes acontecem em atitudes solitárias, como atos de resistência em prol da aprendizagem matemática dos estudantes, buscando oferecer-lhes uma maneira de conhecer e produzir Matemática que possibilite uma leitura de mundo. Outras vezes, quando é possível compartilhar vivências, experiências e reflexões em grupos, coletivos e colegialidades não artificiais (Fullan e Hargreaves 2000), acontecem em práticas pedagógicas narradas e refletidas, em que se constroem ações coletivas insubordinadas criativamente.

Consideramos importante pontuar que essas trajetórias de vida insubordinadas criativamente representam uma postura de professoras e professores que concebem que a Matemática possa contribuir para uma leitura crítica

de mundo, que seja instrumento de tomada de consciência de desigualdades sociais, injustiças, destruição ambiental e, ao mesmo tempo, promotora de caminhos criativos para resolver os problemas do mundo (D’Ambrosio 2015). O que sustenta tal postura é tanto o conhecimento matemático quanto a construção de modos criativos de usos das Matemáticas e de estratégias de luta e resistência como ações políticas (Freire 2006). Esses professores promovem em suas salas de aula uma aprendizagem matemática em prol do desenvolvimento humano, formando estudantes e se autoformando com eles, no debate constante sobre suas histórias de rejeição, resistência, aprendizagens lacunares e, para alguns, sentimentos de fracasso em Matemática, o que ocorre com frequência em escolas com estudantes de classes sociais e econômicas menos favorecidas. Parece haver um projeto político e econômico de dominação e silenciamento desses estudantes, fazendo-os acreditar que fracassam e que suas histórias não são interessantes. A Matemática tem sido um dos principais instrumentos de dominação e tem promovido esse sentimento nesses estudantes. Daí o controle a modos criativos e imaginativos de se fazer Matemática na sala de aula. “Na cultura do dominador, matar a imaginação serve como meio de reprimir e conter todo mundo dentro dos limites do *status quo*” (hooks¹ 2020, p. 105).

Professores e professoras insubordinados criativamente buscam educar matematicamente seus estudantes a fim de que possam romper com esses limites. Para tanto, contam e ouvem histórias nas suas aulas.

1. A inicial minúscula é opção da própria autora— o nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna – Bell Blair Hooks –, e a minúscula inicial busca dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa, pois seu objetivo não é ficar presa a uma identidade em particular, mas estar em permanente movimento. Neste texto legitimamos seu ato insubordinado e criativo de se referenciar.

Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção da comunidade, dentro e fora da sala de aula. Podemos compartilhar tanto fatos verídicos quanto histórias fictícias que nos ajudam a compreender uns aos outros. [...] uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações. Quando compartilhamos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros [...] Histórias nos ajudam a nos conectar com um mundo além da identidade. [...] Uma forma poderosa de nos conectar com um mundo diverso é ouvindo as diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são um caminho para o saber. Portanto, elas contêm o poder e a arte da possibilidade. Precisamos de mais histórias. (hooks 2020, pp. 89-94)

É nesta perspectiva que este livro foi construído: na contação de histórias de sala de aula, de espaços formais e não formais de ensino de Matemática, de espaços formativos de professores, dentre outros. São histórias que buscam compreender a dimensão criativamente insubordinada das práticas de Educação Matemática. Os personagens são estudantes, aprendizes, pessoas que experimentam pensar matematicamente de forma crítica, porque são provocados, instigados e seduzidos por seus formadores a fazê-lo.

Que possamos nos colocar em escuta atenta de tais histórias, porque também para nós são aprendizagens, ressignificações, produção e compreensão sobre o movimento de educadores matemáticos insubordinados criativamente. Que possamos nos reconhecer nas histó-

rias narradas neste livro, compreender o papel da formação matemática e crítica de nossos estudantes e contar a outros sobre o lido, para que essas histórias possam chegar a mais pessoas.

As primeiras histórias são contadas pela Ção (Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca). Inicialmente ela apresenta alguns *causos* como práticas de numeramento com estudantes da Educação de Jovens e Adultos, espaço pedagógico esse tão diverso e plural (EJAs, segundo a autora), que possibilita histórias que “encantam e seduzem devido a sua mágica multidimensionalidade” (hooks 2020, p. 90). É isso que percebemos acontecer nos *causos* contados pela Ção. As histórias possibilitam à autora a construção de argumentos analíticos de que há insubordinações criativas na “desobediência à gramática dos jogos de linguagem da matemática escolar assumida nos posicionamentos discursivos de estudantes da(s) EJA(s)”. Ali conhecemos a sensibilidade e o cuidado da professora campesina que ensina sobre números negativos na letra da música de Lulu Santos, compartilhando ideias sobre contradições, diferenças e ambiguidades. Deixamos esta provocação e o convite à leitura desse capítulo para conhecer as histórias insubordinadas criativamente de estudantes da(s) EJA (s) e de seus professores.

As histórias de Marisa e Marquinhos (Marisa Gomes dos Santos e Marcos A. Gonçalves Junior) são sobre o Laboratório de Educação Matemática (LEMAT) da Universidade Federal de Goiás. Eles contam as histórias de duas professoras, Zaíra da Cunha Melo Varizo e Janice Pereira Lopes, que coordenaram/am esse espaço. Uma história que reconta o passado e apresenta o presente, marcadamente insubordinado e criativo, dos atores que compartilhavam aquele espaço. “As narrativas produzidas [pelas coordenadoras] relatam estratégias insubordinadas com o intuito de promover processos de formação de professores no LEMAT”, dizem Marisa e Marquinhos. As

marcas do passado em defesa desse espaço deixam seus vestígios, que permanecem sendo seguidos ao longo dos 25 anos. As duas professoras assumem o protagonismo e, de formas insubordinadas e criativas, lutam pela construção e pela continuidade daquele espaço formativo, apesar das resistências institucionais que se apresentam no interior da Universidade. Como apontam os autores:

Como professoras, pesquisadoras, educadoras matemáticas, mulheres e líderes profissionais, elas têm muito o que conversar e, desse modo, nosso trabalho foi uma busca por estabelecer esse diálogo entre as duas, cotejando ideias, contradições, singularidades, similaridades, convergências, tecendo uma trama na qual a insubordinação criativa (Lopes e D'Ambrosio 2015) caracteriza o papel dessas profissionais como agentes no desenvolvimento dos processos formativos e humanos, em Educação Matemática, no LEMAT.

O artigo constrói uma história do possível encontro, um diálogo entre as duas coordenadoras do LEMAT, falando sobre desafios enfrentados, ações de formação com docentes e contribuições das ações do LEMAT, compartilhando experiências de lutas e resistências. Modos insubordinados e criativos de construção e garantias daquele espaço formativo. Como na epígrafe do artigo, *a história começa hoje e continua amanhã*.²

A história contada por Juliana e Gelsa (Juliana Schreiber Moraes e Gelsa Knijnik) desloca o olhar para as práticas insubordinadas criativamente no Ensino Superior, mais especificamente na Educação Matemática em

2. Marinotis (citado por Santos e Gonçalves Junior, 2021, capítulo 3)

Engenharia Civil. As reformas dos cursos de Engenharia demandam uma concepção em direção à formação humana de engenheiros, a fim de produzir e compreender tecnologias a serviço da responsabilidade social, do bem comum, da ética e da justiça social. As autoras contam histórias de um curso de Engenharia Civil sob a ótica das insubordinações criativas, buscando traçar as incoerências entre as práticas de educação nos cursos superiores e os relatos de pesquisa. Realizar as análises do ponto de vista das insubordinações criativas possibilita pensar a necessidade de aproximações das concepções mais humanistas e o uso de tecnologias contemporâneas na formação do Engenheiro Civil.

Roberta e Rosângela (Roberta Buehring Schnorr e Rosângela Alves de Assunção), ambas professoras, compartilhando práticas de ensinar e aprender estatística com crianças, procuram descobrir “com elas” o que há do outro lado do muro. Por que os dados estatísticos não nos representam? Pensam as crianças... Isso as mobiliza a imaginar, com as crianças, no sentido apontado por hooks (2020, p. 88), em que “o que não podemos imaginar não pode vir a ser. Precisamos de imaginação para iluminar aqueles espaços que não são preenchidos por dados, fatos e informação comprovada”. E assim, em uma ação pedagógica insubordinada criativamente, elas conduzem as crianças “para o outro lado do muro”, produzindo estatísticas que contextualizavam os conteúdos escolares. E, para tanto, os muros necessitaram ser transpostos, para satisfazer a curiosidade infantil e das professoras, para ler o mundo de outra forma, estatisticamente. “Os muros podem ceder-nos certo equilíbrio, mas precisam ser contornados, transpostos ou derrubados em certo tempo”. Insubordinando-se criativamente, Roberta e Rosângela assumem o protagonismo docente, criam uma prática pedagógica que rompe com as práticas tradicionais de ensino de estatística na escola e transpõem

fronteiras, empoderando-se, não para a autopromoção, mas para dar sentidos aos conhecimentos matemáticos escolares. Como apontam as autoras: “insubordinações podem ser necessárias para a criação, para colocar a humanidade em primeiro lugar nas relações escolares, essas que historicamente foram se perdendo em regras, segregações, burocracias ou currículos rígidos”. E a transposição de fronteiras possibilitou que todos aprendessem, pois “ver o que havia do outro lado dos muros tornou-nos a todos mais conscientes daquele mundo que estava ali, pelo qual passávamos todos os dias, talvez sem perceber, sem ler”.

Milton e Daniel (Milton Rosa e Daniel Clark Orey 2021, capítulo 5) trazem histórias de construções teóricas, buscando estabelecer as articulações e as diferenças sutis entre os conceitos de insubordinações criativas, subversões responsáveis e desvios positivos. Abordam o conceito de desvio positivo desencadeado pela Etnomodelagem como ato criativo e insubordinado,

pois evoca um distúrbio que causa uma revisão das regras e regulamentos utilizados no processo de Modelagem Matemática. Essa perspectiva educacional desencadeia um debate sobre a natureza da Matemática em relação à cultura, ao propor um diálogo entre as abordagens local e global, para que os educadores possam propor uma ação pedagógica que também seja subversiva e responsável para o desenvolvimento do currículo matemático.

Para tanto, utilizam o conceito decolonial como luta e resistência contra a manutenção do *status quo* de sociedades preconceituosas, dominadoras e opressoras (Rosa e Orey 2019). A Etnomodelagem aparece como um instrumento político, com o objetivo de confrontar

e combater crenças arraigadas, como a de que a Matemática é um “conhecimento culturalmente neutro”, bem como “os efeitos desumanizadores da autoridade burocrática curricular”. Assim definem e caracterizam a Etno-modelagem na perspectiva dos desvios positivos.

As histórias de colaboração no grupo de Modelagem Matemática (GDMEM) são narradas por Jussara e seus colaboradores (Jussara de Loiola Araújo, Fernando Henrique de Lima, Thais Fernanda Pinto, Renata Rodrigues de Matos Oliveira e Gabriel Mancera-Ortiz). A motivação do texto surge de uma autorreflexão do grupo a partir do questionamento sobre as ações colaborativas no grupo serem atos de insubordinação criativa. Da mesma forma que Milton e Daniel, os autores desse capítulo buscam compreender se a colaboração do grupo, que envolve a Modelagem Matemática, pode ser considerada insubordinada criativamente. Ao mesmo tempo, buscam características que sustentem as práticas insubordinadas criativamente no grupo, procedendo à releitura de situações vivenciadas e narradas no texto. As análises possibilitam aos autores reconhecer e sustentar a natureza interdisciplinar da Educação Matemática; e, assim, pontuam que “por si só, ser um educador matemático pode ser um ato de insubordinação criativa”, ainda mais quando se buscam a articulação e a coerência entre modos de fazer pesquisa e as/nas práticas escolares, como na Modelagem Matemática.

É importante destacar que para os autores, assim como para os leitores deste livro, o objetivo não é defender um conceito “novo” de Insubordinação Criativa e, poderíamos acrescentar, nem mesmo cursos de formação de professores “insubordinados criativamente”. Como no grupo de Jussara e colaboradores, reconhece-se a dimensão da insubordinação criativa nas trajetórias de vida, nos momentos de resistência, em abordagens e metodologias de ensino diversas, no desenvolvimento curricular,

nos usos de recursos alternativos de ensino, em temáticas abordadas em sala de aula de forma crítica, em modos diversos de fazer pesquisas, nos grupos colaborativos etc.

A reflexão e a análise realizadas no grupo, após a constatação das práticas que poderiam ser caracterizadas como insubordinadas criativamente, levam os autores a um terceiro questionamento, relativo à ideia da temporalidade das ações insubordinadas criativamente. Será que somos insubordinados o tempo todo? Mais histórias são contadas. Vale a pena a leitura do capítulo para conferir.

No capítulo seguinte, é a vez de Graça e Dora (Maria das Graças dos Santos Abreu e Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid). Contam histórias de formação inicial de professores e defendem que, quando futuros professores escrevem, produzem narrativas, assumem-se como educadores matemáticos interessados na aprendizagem dos seus futuros alunos. Reconhecem essa produção de narrativas como um recurso de insubordinação criativa. Assim, trazem em seu capítulo as narrativas produzidas por futuros professores ou professores iniciantes, a fim de compreender os afetamentos que as experiências formativas, como monitorias, iniciação científica, PIBID e estágios, provocaram na constituição desses professores de matemática. Para Graça e Dora, a escrita narrativa dos estudantes em formação se constituiu num processo de insubordinação de si mesmos e, reconhecendo-se no que escreviam, podiam vislumbrar possíveis mudanças em suas práticas recentes e futuras.

O capítulo seguinte foi escrito por Jaque (Jaqueline Aparecida Foratto Lixandrão Santos). Ela nos conta a sua história com Guilherme, um estudante de 15 anos, com cegueira congênita. Jaque mostra os desafios da Educação Matemática Inclusiva e a importância das ações insubordinadas criativamente, ao lidar com a diversidade e a diferença. Um grande desafio foi construir formas subversivas e responsáveis para trabalhar com Guilherme

o conteúdo curricular de probabilidade. A experiência narrada evidencia aprendizagens mútuas entre a professora pesquisadora e o estudante. Ambos se transformam nesse processo em que a sensibilidade e a alteridade se fazem presentes.

Encerramos o livro com um capítulo construído na (re)visita aos textos. Um olhar outro, uma leitura a mais, que nos possibilita perceber, em diálogos com o grande educador Paulo Freire, como a Educação Matemática subversivamente responsável acontecia nas salas de aulas, nos espaços formativos.

Escrevemos os textos de abertura e fechamento deste livro em um momento dolorido... em que o mundo parou! Paramos porque o coronavírus se tornou uma ameaça à saúde mundial. Milhões de pessoas perderam suas vidas por um vírus silencioso, que mudou nossas formas de nos relacionarmos, nossas práticas profissionais e familiares. Paramos para enxergar o mundo atrás das telas de TV e do computador, somos bombardeados por números, projeções estatísticas, modelos matemáticos, estimativas etc. O ensino remoto ou híbrido passou a ser uma realidade. Professores se reinventam, e a tecnologia passa a ser uma aliada, até então distante de muitas práticas. Professoras, mulheres na maioria, para além desses desafios, acumulam as tarefas de serem professoras também dos filhos, ampliando as jornadas de trabalho, sem remuneração. Olhamos para professores e professoras e vemos cansaço, tensão, preocupação... o que faremos na volta do ensino presencial, se é que ele vai acontecer? O que faremos com as crianças e os jovens, principalmente de classes menos favorecidas, que não estão tendo acesso ao conhecimento escolar de nenhuma forma? A pandemia não gerou a desigualdade social, mas a intensificou assustadoramente. É triste ver assim um país em que o acesso à Educação já foi prioridade, embora com pequenas conquistas, haja vista que não foram sustentadas.

Esse cenário nos remete às considerações de nosso querido Educador Matemático Ubiratan D'Ambrosio, a quem dedicamos esta obra. Ele nos fez refletir sobre o quanto a precisão matemática marcou os ataques terroristas nos Estados Unidos e os ataques de retaliação no Afeganistão nos anos 2000. Ele alerta para a contradição de que esses atos abomináveis só podem ser “idealizados e executados graças a um elaborado instrumental matemático” (D'Ambrosio 2011, p. 203). Para o autor, aqueles que idealizam, planejam e executam esses atos têm reconhecida competência matemática, e isto remete a ponderar que haja um estranhamento entre Matemática e Paz.

Somos levados a concluir que o fato de a humanidade ter construído um corpo de conhecimentos tão elaborado quanto a Matemática, é ofuscado pelo fato de a humanidade ter se distanciado de tal maneira da Paz. Na busca da Paz, não basta fazer uma boa Matemática, mas deve-se fazer uma Matemática impregnada de valores éticos, que é um conceito, para muitos, desprovido de significado. O desafio é dar sentido ao conceito de Ética Matemática. (D'Ambrosio 2011, p. 203)

Durante a epidemia do coronavírus o trabalho de inúmeros cientistas foi essencial para que se chegasse o mais rápido possível às vacinas, e a Matemática e a Estatística muito colaboraram. No entanto, nem diante dessa crise de saúde mundial, atos desumanos por meio de conflitos políticos ou intolerância racial e de gênero deixaram de ocorrer em vários países, incluindo o Brasil. Os números da violência real contra mulheres, crianças, negros, pessoas trans, indígenas, e da violência simbólica, que acontece silenciosamente dentro de instituições consolidadas como a família, a Igreja, o trabalho, as uni-

versidades, as escolas, nos mostram, a cada dia, nossa incapacidade de lidar com nossos problemas sociais. A pandemia escancarou esses números e nos coloca em desafios constantes. No contexto brasileiro, principalmente, assistimos, junto a tanta tristeza mundial, uma falta de competência política de lidar com o problema, com o agravante da irresponsabilidade social nas diferentes esferas de poder. Estamos à deriva... Certamente sairemos dessa, porque a capacidade resiliente do ser humano é maravilhosa, a história já nos mostrou isso. Mas sairemos com cicatrizes, as quais precisaremos elaborar – precisaremos transformá-las em histórias, “histórias também nos ajudam a cicatrizar” (hooks 2020, p. 93).

O que nos resta é o amor. Amor no sentido freiriano, que, nas palavras de hooks (2020, p. 239) assim nos é revelado:

amor como uma combinação de cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança. Todos esses fatores atuam de modo interdependente. Quando esses princípios básicos do amor formam a base da interação professor-estudante, a busca mútua por conhecimento cria as condições para um aprendizado ideal.

E, ainda, “o amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo” (hooks 2020, p. 239). Que o amor seja o sentimento que move nossas práticas de insubordinação criativa. Este livro compartilha várias delas. Que possam servir de reflexão aos leitores que conosco desejam se insubordinar.

Referências

- D'AMBROSIO, B. S. (2015). "A subversão responsável na constituição do educador matemático." *Anais do 16º Encuentro Colombiano de Matemática Educativa*. Bogotá, Colômbia.
- D'AMBROSIO, U. (2011). *Cuadernos de Investigación y Formación en Educación Matemática*, año 6, nº 7, Costa Rica, pp. 201-215.
- FREIRE, P. (2006). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FULLAN, M. e HARGREAVES, A. (2000). *A Escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade*. Porto Alegre: Artmed.
- HOOKS, B. (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante.
- LOPES, C. E. e D'AMBROSIO, B. S. (2015). "Insubordinação criativa de educadoras matemáticas evidenciadas em suas narrativas." *Atas do XIV CIAEM-IACME*, Chiapas, México.